

## PERCEÇÃO DE ESPAÇOS URBANOS COMO LOCUS DE EXPRESSÃO DE SUBJETIVIDADES

SANTOS, Maria da Glória Gonçalves<sup>1</sup>

### RESUMO:

Trata-se de um relato reflexivo de experiência vivida com os alunos do 1º semestre do curso de Psicologia, do componente curricular Processos Psicológicos Básicos, sobre a percepção de espaços urbanos como *locus* de expressão de subjetividades, e que foi compartilhada com a comunidade acadêmica na Mostra de Projetos da Unijorge, no ano de 2019, autenticando os propósitos do projeto e a ampliação do olhar sobre a cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espaços Urbanos. Percepção. Subjetividades.

*Por trás do circuito das imagens  
há uma matriz simbólica.*

Este relato contempla as reflexões sobre o projeto Percepção de espaços urbanos como *locus* de expressão de subjetividades. Nasceu de debates com os alunos do curso de Psicologia do 1º semestre 2019 do matutino e noturno, sobre os conteúdos do componente curricular Processos Psicológicos Básicos, que contemplam os estudos de sensação, percepção, memória histórica, cultural, autobiográfica, coletiva e criatividade.

A proposta foi a de construir uma mostra representativa de imagens clicadas nos percursos feitos pelos alunos no cotidiano, no ir e vir pela cidade, inscrevendo, nas capturas das imagens, legendas, sob a perspectiva teórica dos processos psicológicos básicos, como complementação das leituras feitas sobre a temática, para posterior apresentação à comunidade acadêmica.

---

<sup>1</sup> Psicóloga, mestre em educação e contemporaneidade, docente do curso de Psicologia da Unijorge. E-mail: mariadagloriagonçalvessantos@gmail.com

O historiador de arte italiano Giulio Carlo Argan, traduz bem o que sustenta teoricamente esse projeto, ao considerar fundamental percebermos que:

a cidade é feita de coisas, mas essas coisas nós a vemos, oferecem-se como imagens à nossa percepção; e uma coisa é viver na dimensão livre e mutável das imagens, outra é viver na dimensão estreita, imutável e opressiva, cheia de arestas, das coisas ; trata-se, em suma, de conservar ou restituir ao indivíduo a capacidade de interpretar e utilizar o ambiente urbano de maneira diferente das prescrições implícitas no projeto de quem o determinou: enfim, de dar-lhe a possibilidade de não se assimilar, mas de reagir ativamente ao ambiente. (ARGAN, 1998: p. 219-220)

Desse modo, a ida a campo para capturar a cidade teve o objetivo de estudar os espaços urbanos para compreender o papel da comunicação visual no processo de construção da imagem destes lugares como *locus* de expressão de subjetividades e, portanto, pertencente ao sujeito ativo e crítico, capaz de transformar o território pelas suas inserções nele.

Para Mundim (2017) que defende o espaço da cidade como palco de invenções, as relações do homem com o espaço da cidade são alvo de pesquisas constantes. Tanto como campo de subjetividades, como lugar em constante mutação, repleto de imagens, textos, sonoridades e também provocador de memórias e histórias, o espaço da cidade está em permanente metamorfose. Diferentes formas de ocupação e apropriação se configuram nesse espaço de devir atravessado por um cotidiano de caráter imprevisível. Tais fatores afetam de forma marcante as condições sócio-histórico-culturais de seus habitantes, conseqüentemente, suas relações de convivência.

Para o sociólogo Richard Sennett (2001), a passagem dos séculos se caracteriza principalmente pelo fato de que tudo referente à personalidade das pessoas aparece na esfera pública e é vista por todos; o público e o privado perdem suas fronteiras. Se anteriormente o domínio privado era visto como um refúgio, como um lugar no qual as pessoas se conheceriam e caracterizado pela “intimidade”, passou a ser, nesses novos moldes, algo exposto e visível, onde somos todos estranhos e nos revelamos em nossos comportamentos, códigos do vestir e outras atitudes.

No entanto, se pensarmos o espaço da cidade como um lugar aberto à criação e ao ócio, ou como espaço para a invenção do homem comum, sem

planos ou programações pré-determinadas, torna-se necessário, além de enxergá-lo como *locus* do conflito, que inclui agentes e que mobiliza agenciamentos diversos e contraditórios, vê-lo também como *locus* da experiência, que promove percepções espaço-temporais muito mais complexas do que sugerem os efeitos moralizadores e individualistas normalmente atribuídos à contemplação cenográfica. (BRITT e BERENSTEIN, 2009)

A leitura das imagens dos espaços pesquisados, por meio de registros fotográficos, demonstra uma observação bastante precisa dos elementos que o constituem. Ao evoluir no tempo, a cidade acumula fatos em seu espaço sobre os quais se estabelece uma convergência de significados. A memória consagra componentes antigos, gera componentes novos e todos são permanentemente comunicados à população, ingressando em seus processos cognitivos através de mecanismos da percepção. Com a passagem do tempo, tornam-se eventualmente compartilhados por grupos de indivíduos e percebidos de formas diferenciadas, alguns com maior clareza, outros quase despercebidos.

Nessa perspectiva, os alunos foram provocados a fazer levantamentos fotográficos, baseados nos estudos de textos que fossem aplicados às áreas do ambiente urbano, segundo critérios de levantamento dos elementos visuais dos espaços públicos usados por pedestres, evidenciando o que é visualmente significativo para eles, enquanto estudiosos do comportamento humano em interação.

A relação dos estudos da sensação e da percepção passa pela compreensão dos modos através dos quais o sujeito se relaciona com a realidade e dela retira subsídios para a construção de todo o aparato simbólico e imagético que produz. Ainda que inicialmente muito frágeis, a interpretação e a construção da realidade estão em função daquilo que o sujeito é capaz de abstrair do mundo em que vive. Esses processos correspondem a mecanismos básicos da psicologia, pois é através deles que a informação ambiental chega à nossa mente. O comportamento das pessoas é baseado na interpretação que fazem da realidade e não da realidade em si, portanto, a percepção do mundo é diferente para cada um de nós. Cada pessoa percebe um objeto ou uma situação de acordo com os aspectos que têm especial importância para si própria e nesse sentido criam vínculos com o território e com outros sujeitos circulantes do mesmo espaço.

Esse projeto final mostrou uma forma de captar os episódios do cotidiano e autenticou exercícios vivos para o desenvolvimento do sentido metafórico do viver, tanto dos alunos, nas discussões em sala de aula e seleção dos espaços e registros feitos, quanto de seus familiares que acompanharam o processo com falas sobre o trabalho, quando ficaram instigados sobre a demanda dos alunos fazerem visita de campo pelos circuitos da cidade e dos visitantes que percorreram a mostra e interagiram com os grupos sobre a produção de cada um. Foram 9 grupos com 6 participantes e em cada um deles foi possível apreciar uma aula sobre a história da cidade com seus encantos, seus mistérios, suas misérias, suas contradições e com as possibilidades de ampliar o olhar sobre o cotidiano e de envolver-se nos espaços sob uma nova perspectiva, de modo mais intenso, participativo e vibrante. O sensível como um elemento fundamental para a compreensão da percepção, na sua manifestação na pintura, nos monumentos, na música, nos painéis de rua, nos grafites e até mesmo nas pichações registradas.

Nosso desejo foi o de que, cada um, ao visitar a exposição de fotos e interagir com as expressões clicadas, tivesse uma forma especial de olhar e pudesse descobrir profundos significados para fazer sua própria grafia pelos circuitos das imagens.

Em relação ao processo de ensino e aprendizagem, o projeto confirma o protagonismo dos alunos, ao conferir a eles a autonomia no processo de construção do conhecimento, na escolha do desenho da cidade que habitam e como pensar esses espaços sob uma ótica nova, em que cada um se vê implicado na dinâmica do território que lhe possibilita uma ação viva e coletiva de enlaces de intersubjetividades, para benefício dos cidadãos que circulam pelas mesmas vias, em diferentes situações. Isso fomentou o amadurecimento acadêmico dos estudantes e a ampliação do olhar sobre o exercício profissional do psicólogo, para além da clínica. A interação entre teoria e prática, em uma ação permanente.

Como docente da disciplina, seja orientando os estudos de texto que deram suporte teórico para um fazer acadêmico na direção da vida urbana e suas implicações com o sujeito ativo e crítico de sua realidade, seja mediando as atividades externas, foi um contentamento processual a leitura das imagens dos espaços pesquisados e uma alegria acompanhar e finalizar o trabalho,

verificando o desenvolvimento de competências e de habilidades de relacionar-se com o outro e de propiciar vínculos interpessoais, tendo por base os princípios éticos. A cidade, antes vista como espaço de reprodução da força de trabalho, da troca e do consumo, passou a ser vista como *locus* de expressão de subjetividades. O cidadão procurando ressignificar sua trajetória de vida, pela via dos percursos transitados. Uma rua, uma praça, uma viela, uma travessa, compondo o mapa de acesso a existência singular e plural do sujeito.

Para a psicologia, essa vertente ambiental constitui um poderoso foco de pesquisa e de análises relevantes para contribuir com a sociedade em suas formações de grupos, de coletivos e de participação comunitária na vida da cidade como um lugar vivo, dinâmico, que propicia e absorve mudanças e transformações significativas. Esse projeto reafirma a epígrafe que anuncia o relato reflexivo ao emoldurar com o dizer: *por traz dos circuitos das imagens, há a existência de uma matriz simbólica*. E a experiência de construção e apresentação na Mostra de projetos revelou sentidos e significados na dinâmica dos que circulam pelos espaços urbanos construindo histórias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BRITT, Fabiana Dutra e BERENSTEIN, Paola Jacques. *A Rua é nossa ... é de todos nós. Seminário: 4 dias para falar da Rua*. Local: Centro Cultural da Justiça Federal. Data: 12, 13, 19 e 20 de maio de 2009.

CARDOSO, Ricardo José Brügger. *A Cidade como Palco: o centro do Rio de Janeiro como locus da experiência teatral contemporânea 1980/1992*. RJ: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro - Secretaria Municipal das Culturas - Coordenadoria de Documentação e Informação Cultural - Gerência de Informação, 2008.

SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público – As tiranias da intimidade*. SP: Companhia das Letras, 2001.